

RUA IARA

Decreto nº 6876 de 08-01-1982, Artigo 1º,

Inciso I, ítem "p"

Formada pela rua 17 do Parque Dom Pedro II

Início na rua Anajé

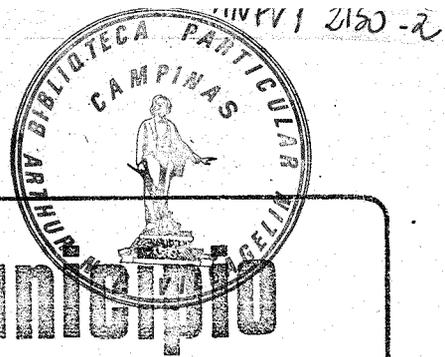
Término na divisa do loteamento

Parque Dom Pedro II

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 14.725/79 em nome de Sociedade Amigos do Bairro Parque Universitário e Adjacências de Viracopos.

IARA

Hernani Donato em seu "Dicionário das Mitologias Americanas" diz que: "Iara - A beleza tentadora das águas não é mito ameríndio nem africano. O nome Iara, de ig, água e iara, senhora, foi literariamente composto. Na Amazônia, as funções da iara são executadas pela boiúna e pelo bôto. É o que ensina Câmara Cascudo". Nas lendas, mitos, credences do Brasil, Iara é a Mãe d'água. De um modo geral, ela é descrita como uma mulher de rosto maravilhoso, lindos cabelos negros, da mesma cor de seus belos olhos. As histórias que contam, dizem que a Iara fica deitada sobre a branca areia do igarapé, brincando com os matupiris (peixinhos que andam em cardumes pelas margens) que lhe passam sobre o corpo meio oculto pela correnteza que se dirige ao igapó (floresta inundada). Flores lilases formam uma grinalda sobre sua fronte e seus lábios têm um sorriso provocante. Canta, sua voz é maviosa, e o eco repete seu canto pela mata, sobre as águas. Nas credences, contam que o tapuio (denominação dada a todos os que vivem na mata amazônica) ao ouvir seu canto ao entardecer, torna-se apaixonado pela Iara, a princípio fica solitário e triste, e logo depois vai ao seu encontro. Dias depois é encontrado morto com os lábios despedaçados pelos beijos da Iara. Na "Antologia do Folclore Brasileiro" Luis Câmara Cascudo diz que "a Iara da Amazônia é o velho mito da sereia, modificado pela natureza e pelo clima". A Iara é atuante, presente, real no Amazonas. A crença que o tapuio tem nela é muito grande, chegando muitas vezes, na realidade, à loucura.



Diário Oficial do Município

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

ANO - X

Campinas, Terça-Feira, 12 de Janeiro de 1.982.

N.º 2923

PODER EXECUTIVO

Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 6876 DE 08 DE JANEIRO DE 1982.

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual N.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 10. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Município de Campinas:

- I - Parque Dom Pedro II;
- a - RUA GUARIBÚ, a Rua 3, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- b - RUA GRAVATAI, as Ruas 4 e 5, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- c - RUA CARIRI, a Rua 6, com início na Rua 1 e término na Rua 5 do mesmo loteamento;
- d) - RUA GUARACIABA, a Rua 7, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- e - RUA PAJÉ, a Rua 8, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- f - RUA GUARATUBA, as Ruas 9 e 10, com início na Rua 2 e término na Av. 2 do mesmo loteamento;
- g - RUA GARÁ, a Rua 11, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- h - RUA ITAOCARA, a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- i - RUA TACIAI, a Rua 23, com início na Rua 20 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;
- j - RUA GUASSÚ, a Rua 12, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- l - RUA TRAMANDAÍ, a Rua 13, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- m - RUA HIRARA, a Rua 14, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- n - RUA ITAIPAVA, a Rua 15, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- o - RUA IPOJUCÁ, a Rua 16, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- p - RUA IARA, a Rua 17, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- q - RUA IGARA, a Rua 18, com início na Rua 2, e término na divisa do mesmo loteamento;
- r - RUA ITACOATIARA, a Rua 19, com início na Rua 1, e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- s - RUA ITAPAGIPE, a Rua 20, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- t - RUA ITAPERUNA, a Rua 21, com início na Avenida 1 e término na Rua 23 do mesmo loteamento.
- II - Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba:
- a - RUA ANATURI, a Rua 1, com início na Avenida Perimetral e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- b - RUA ABÁ, a Rua 2, com início na Rua 6 e término na divisa do citado loteamento;
- c - RUA CAUIM, a Rua 3, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- d - RUA CROATÁ, a Rua 4, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- e - RUA CAMACÁ, a Rua 5, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- f - RUA ANEYRI, a Rua 6, com início na Avenida 4 e término na divisa do citado loteamento;

- g - RUA ANDIRÁ, a Rua 7, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- h - RUA ARESQUI, a Rua 8, com início na Rua 12 e término na Rua 7 do citado loteamento;
- i - RUA ARAGUAIA, a Rua 9, com início na Rua 12 e término na Rua 7 do citado loteamento;
- j - RUA AGUAPÉ, a Rua 10, com início na Avenida 4 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- l - RUA ABARÉ, a Rua 11, com início na Avenida Perimetral e término na divisa do mesmo loteamento;
- m - RUA ABAÇAI, a Rua 13, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 12 do citado loteamento;
- n - RUA ABAETÉ, a Rua 14, com início na Rua 23 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- o - RUA ABUNÁ, a Rua 15, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- p - RUA BATUIRITÉ, a Rua 16, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- q - RUA APIABÁ, a Rua 17, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Avenida 4 do citado loteamento;
- r - RUA CHAPECÓ, a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- s - RUA ATERLÃ, a Rua 19, com início na Rua 26 e término na Rua 21 do citado loteamento;
- t - RUA BORORÉ, a Rua 22, com início na Rua 26 e término na Rua 23 do citado loteamento;
- u - RUA BAMBUÍ, a Rua 23, com início e término na Rua 13 do citado loteamento;
- v - RUA CAIRÚ, a Rua 26, com início e término na Avenida 1 do citado loteamento;
- x - RUA ATIATI, a Rua 27, com início na Rua 26 e término na Rua 23 do citado loteamento;
- z - RUA BORÉ, a Rua 28, com início na Rua 31 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- aa - RUA COATIARA, a Rua 29, com início na Rua 31 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- bb - RUA CEARY, a Rua 30, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 29 do citado loteamento;
- cc - RUA CARAUBA, a Rua 31, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 26 do citado loteamento;
- dd - RUA ALAPA, a Rua 24, com início e término na Rua 13 do citado loteamento;
- ee - AVENIDA CAMUCIM, a Avenida 5, com início na Avenida Perimetral e término na divisa do citado loteamento;
- ff - AVENIDA AGLAIA, a Avenida 6, com início na Rua 2 e término na divisa do citado loteamento;
- gg - AVENIDA SINIMBÚ, a Avenida Perimetral com início e término na Avenida 1 do citado loteamento.
- III - Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba, interligado com o Parque Dom Pedro II:
- a - RUA ANAJÉ, as Ruas 12 do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba e 2 do Parque Dom Pedro II, com início na Avenida Perimetral do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba, e término na divisa do Parque Dom Pedro II.
- b - RUA ARACI, as Ruas 20 do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba e 1 do Parque Dom Pedro II, com início na junção das Ruas 19 e 21 do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba e término na divisa do Parque Dom Pedro II;
- c - RUA ARUTANA, as Ruas 23 e 24 do Parque Dom Pedro II e sem número do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba, com início na Rua 13 de Parque Universitária de Viracopos - 1a. Gleba e término na Rua 20 do Parque Dom Pedro II;
- d - RUA ANHANGÁ, as Ruas 21 do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba e 26 do Parque Dom Pedro II, com início na Avenida 1 do Parque Universitário de Viracopos - 1a. Gleba e término na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II;

(Denominação dada pelo Decreto nº 6576, de 08-janeiro-1982, Artigo 1º, item I, letra "p", à Rua 17 do Parque Dom Pedro II, com início na Rua 2 e término na divisa do loteamento)

"IARA - A beleza tentadora das águas não é mito ameríndio nem africano. O nome Iara, de ig, água e iara, senhora, foi literariamente composto. Na Amazônia, as funções da iara são executadas pela boiúna e pelo bôto. É o que ensina Câmara Cascudo."

(Extraído de fls. 129 do Dicionário das Mitologias Americanas, de Hernâni Donato, Editora Cultrix, 1973).



(Denominação dada pelo decreto 6876, de 08-janeiro-1982, ítem I, letra "P", à Rua 17 do Parque Dom Pedro II, com início na Rua Anajé, antiga Rua 2 desse loteamento e término na divisa do mesmo loteamento).

Lendas, Mitos e Crendices do Brasil

J. M.

A mãe dagua



CONTAM que, uma vez, havia um homem muito pobre que tinha uma plantação de javas na beira de um rio. Mas quando chegava a época de colhê-las, desapareciam da noite para o dia. Afinal, decidiu espiar para ver quem as roubava e viu uma moça, linda como os amores, no meio do favelal, colhendo tudo. O homem foi bem devagarinho e agarrou-a, dizendo:

— Ah! É você quem apanha minhas javas? Agora, tem que ir para minha casa e vai se casar comigo.

A moça, tentando libertar-se, gritava:

— Solte-me! Prometo que não apanho mais suas javas! Mas o homem nada de largá-la. Vendo que não adiantava, a moça disse:

— Está bem, eu me caso com você. Mas nunca renegue quem vive debaixo dagua!

O homem prometeu que não renegaria e casaram-se. Desde aí, tudo que o homem possuía começou a aumentar rapidamente e ele ficou rico, com criação, escravos, boa casa, muitas roças.

Depois de muito tempo, a moça começou a ficar desmazelada, não cuidando de nada, não dando de comer aos filhos, deixando os escravos à solta. A casa se tornou um inferno. O homem vivia tão zozzo que mal parava em casa. Um dia, desesperado, disse, bem baixinho:

— Ufa! Renego gente que vive debaixo dagua!

A moça, que só estava esperando aquilo, pois era mãe dagua e andava doida para voltar para seu rio, foi saindo e cantando:

— Zão, zão, zão, zão, Calunga! Olha o mugelendô, Calunga! Minha gente toda, Calunga! Vamos-nos embora, Calunga! Para minha casa, debaixo dagua, Calunga! Eu bem te dizia, Calunga, que não renegasses, Calunga, gente de baixo dagua, Calunga!

O homem implorou-lhe que não fosse, mas ela não lhe deu ouvidos e, atrás dela, foram-se os filhos, escravos, criações, plantações, mobília, louça, roupas, casa... enfim, tudo. O homem, de repente, encontrou-se pobre, com a mesma roupa velha que vestia quando agarrara a mãe dagua. Ela e seu cortejo entraram pelo rio adentro e o homem voltou a viver pobremente, mas nunca mais roubaram suas javas...

(Do jornal "Folha de São Paulo")

LENDAS, MITOS E CRENÇAS DO BRASIL



A IARA (I)

CONTAM que a Iara fica deitada sobre a branca nascente do Igarapé, brincando com os matupiris (2) que lhe passam sobre o corpo meio oculto pela correnteza que se dirige ao igapó (3).

A Iara é uma linda tapuia que canta à sombra dos jauaris, sacudindo os lindos cabelos tão negros como seus olhos. As flores lilases do mururé (4) formam uma grinalda sobre a sua frente e seus lábios têm um sorriso provocante. Canta e o eco repete seu canto pela mata, sobre as águas.



“Aí a noite. A Iara canta. O moço tapuio que passa não tem coragem de subir até à cabeceira do igarapé. Ouvz o canto, estremece e murmura: — “E a iara! E’ linda... mas é a morte!”

Uma vez, porem, a piracema (5) arrastou-o para longe. A noite surpreendeu-o. O lago é grande, os igarapés se cruzam e ele os segue ora manejando o apucuitava (6) com mão firme, ora impelindo a montaria apoiando-se nos troncos.

De repente, ouve o canto e vê uma cabeça surgir da água. Seu sorriso, seu olhar, sua beleza, o jascinam. Deixa cair o jacumã (7). Esquece o seu teju-par (8). Já não ouve nada senão o bater de seu coração e deixa a montaria ir de bubuia.

No outro dia o tapuio despertou muito tarde. Sua alegria se tornara tristeza. Seu teju-par era um martírio, a família uma opressão. Só as águas o chamavam. Só a solidão das cabeceiras dos igarapés o encantava.

— “Yara hu picicana!” (9) — dizem todos.

E pelas manhãs, quando a aurora percorre o nascente saudada pelos japins que cantam nas sumaumeiras, já encontra roçando na montaria de vela escura, tinta de muruchi, o moço triste que vai para o igarapé.

Tenta enganar-se procurando o boiadeiro (10) de iurará (11), mas a sararaca (12) lhe cai da mão e o muirapara (13) fica esquecido. As horas passam, ele segue seus pensamentos enquanto a montaria vai de bubuia.

O acarequiçava (14) está branco, mas o arancuá ainda não cantou. Então, a tristeza vai desaparecendo, porque o sol se esconde atrás das embau-beiras. Chega a hora da Iara! O tapuio apaixonado vai remando docemente. A jaçaná que voa do periantá dá-lhe esperança e o pirarucu que sobrenada engana-o.

Vem então de dentro da mata um canto que o perturba. E’ a Iara!

O moço deixa cair o jacumã. A Iara está hoje mais linda do que nunca! O coração salta-lhe do peito e as palavras de sua mãe lhe voltam à memória: — “Taira! (15) Não se deixe seduzir pela Iara! Fuja de seus encantos! Ela é munusaua! (16).

A arancuá já não canta. Do fundo da mata vem a risada estridula do uirutui (17). A noite cobre as águas e as árvores. O conselho da mãe vence ainda e o tapuio volta, triste.

Mas os dias se passam. O tapuio já não pesca. Anda sempre fugido dos amigos e da família.

Um dia viram a montaria descer de bubuia, vazia. O piraraca (18) nunca mais pescaria.

Dias depois viram aparecer num matupá (19) um teonguera (20) com os lábios despedaçados pelos beijos da Iara.

- 1) — IARA — significa “mãe d’água”. “senhora d’água”.
- 2) — MATUPIRIS — peixinhos que andam em cardumes pelas margens.
- 3) — IGAPO’ — floresta inundada.
- 4) — MURURE’ — conhecida também como “dama do lago”.

5) — PIRACEMA — cardume de peixes subindo o rio para desova.

6) — APUCUITAVA — varejão.

7) — JACUMA — remo (em geral com a pé em forma circular).

8) — TEJUPAR — palhoça, barraca.

9) — “YARA HU PICICANA” — “foi pegado pela Iara”.

10) — BOIADOURO — lugar em que boiam as tartarugas.

11) — IURARA’ — tartaruga.

12) — SARARACA — flecha de pescar tartaruga.

13) — MUIRAPARA — arco.

14) — ACAREQUIÇAVA — lugar onde dormem as garças. Pelas 17 horas as garças vêm para o acarequiçava, que fica branco a perder de vista. O arancuá só canta depois das 18 horas.

15) — TAIRA — filho.

16) — MUSAU — morte.

17) — UIRUTUI — o mesmo que “urutau”: passaro de boca grande.

18) — PIRACARA — pescador.

19) — MATUPA’ — E’ o periantá, antes de se soltar da margem. Periantá é a ilha de gramineas, juncos, paus, argamassada com argila, que boia pelo rio.

20) — TEONGUERA — caçador.

A REALIDADE DA IARA

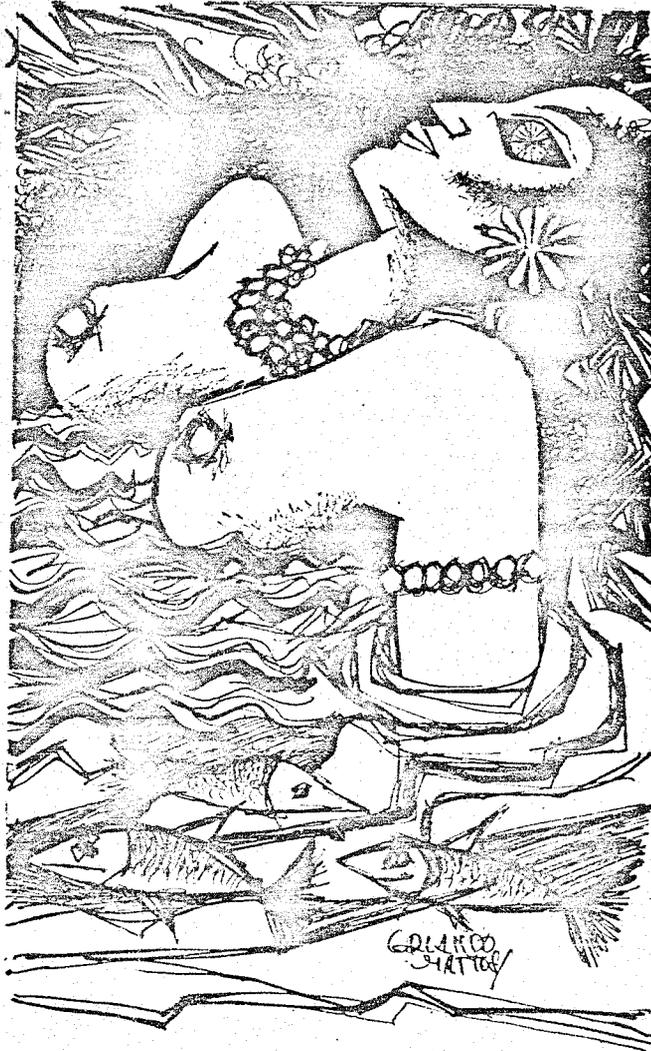
A Iara da Amazonia é o velho mito da sereia, modificado pela natureza e pelo clima, como diz Camara Cascudo em “Antologia do Folclore Brasileiro”. A Iara é atuante, presente, real no Amazonas. A crença que o tapuio (tapuios são todos os que vivem na selva amazônica) tem nela é tão grande, que a certas horas nenhum deles se atreve a passar nos lugares onde se diz que vive a Iara. Se por acaso ou por força têm que passar nesses lugares, tornam-se tristes, evitam os amigos, começam a procurar a solidão. Se os parentes não tomarem conta do homem, sobrevem uma excitação nervosa, com alucinações e a pessoa pode ficar louca.

Dizem que o remédio para o tapuio pegado pela Iara é fumigação com alho e uma boa surra com as cordas dos arcos.

(Do jornal "Folha de São Paulo")

Lendas, Mitos e Crendices do Brasil

J. M.



A beleza da iara é um perigo

Do ponto de vista do pesquisador a iara amazonica não passa do velho mito europeu da sereia, modificado pelo meio ambiente. A iara do Norte do Brasil, porém, existe, é atuante, presente, real para os tapuios (1), ao passo que a sereia dos velhos marinheiros perdeu-se na noite dos tempos. O habitante da fíleia acredita de tal modo na iara que a certas horas do entardecer ele evita cuidadosamente aproximar-se dos lugares onde, segundo se afirma, ela aparece. Se acontece, por qualquer motivo, ter que ir a tais lugares, o tapuio torna-se triste, evita os amigos, começa a procurar a solidão. Se não se cuidar do homem, ele se acaba tornando vítima de excitação nervosa, passa a ter alucinações e pode acabar enlouquecendo, o que se tem verificado inúmeras vezes. Segundo a crença, o remédio para o tapuio "pegado pela iara" é jumigação com alho e surra com cordas de arcos.

Do ponto de vista da crença popular amazonica, a iara é um ser maravilhoso, uma mulher belíssima, de longos cabelos negros e de grandes olhos negros. Costuma ficar deitada na branca areia, na nascente dos igarapés (2), brincando com os matupiris (3) que lhe nadam em volta, do corpo meio oculto pela correnteza que se dirige ao igapó (4). Ela canta com voz encantadora. As flores do mururé (5) formam grinalda sobre sua cabeça. Tem sempre nos lábios sorriso provocante e o som de sua voz se espalha pelas águas e pela mata. Coitado do tapuio inexperiente ou ingenuo que se deixa arrebatar pelos seus encantos! Está perdido: ou não volta mais para o seu tejuar (6) e vai ser encontrado, dias mais tarde, morto, com os lábios destrocados pelo beijo da iara; ou consegue resistir e volta, mas não é mais homem, é sombra de homem.

(1) — TAPUIO é como se denominam, regionalmente, todos os que vivem na mata amazonica. (2) — IGARAPÉ, caminho da «igara» (canoa), pequeno curso de água. (3) MATUPIRI — peixinhos que brincam aos cardumes nas margens dos igarapés. (4) IGAPÓ é o nome que se dá à inundação da mata, quando os rios sobem. (5) MURURE, bonita ninfeia de grandes flores, conhecida também como «dama do lago». (6) — TEJUARÉ, palhoça onde vivem os tapuios pelas margens dos cursos de água.

(Do jornal "Folha de São Paulo")